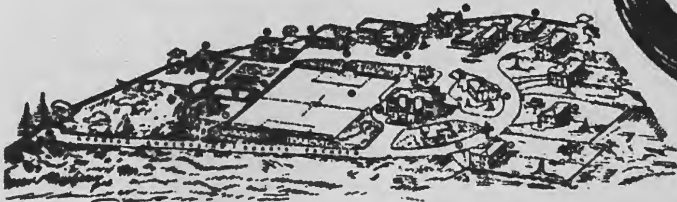




O Gaiato

24 DE FEVEREIRO DE 1968
ANO XXIV — N.º 625 — Preço 1\$00

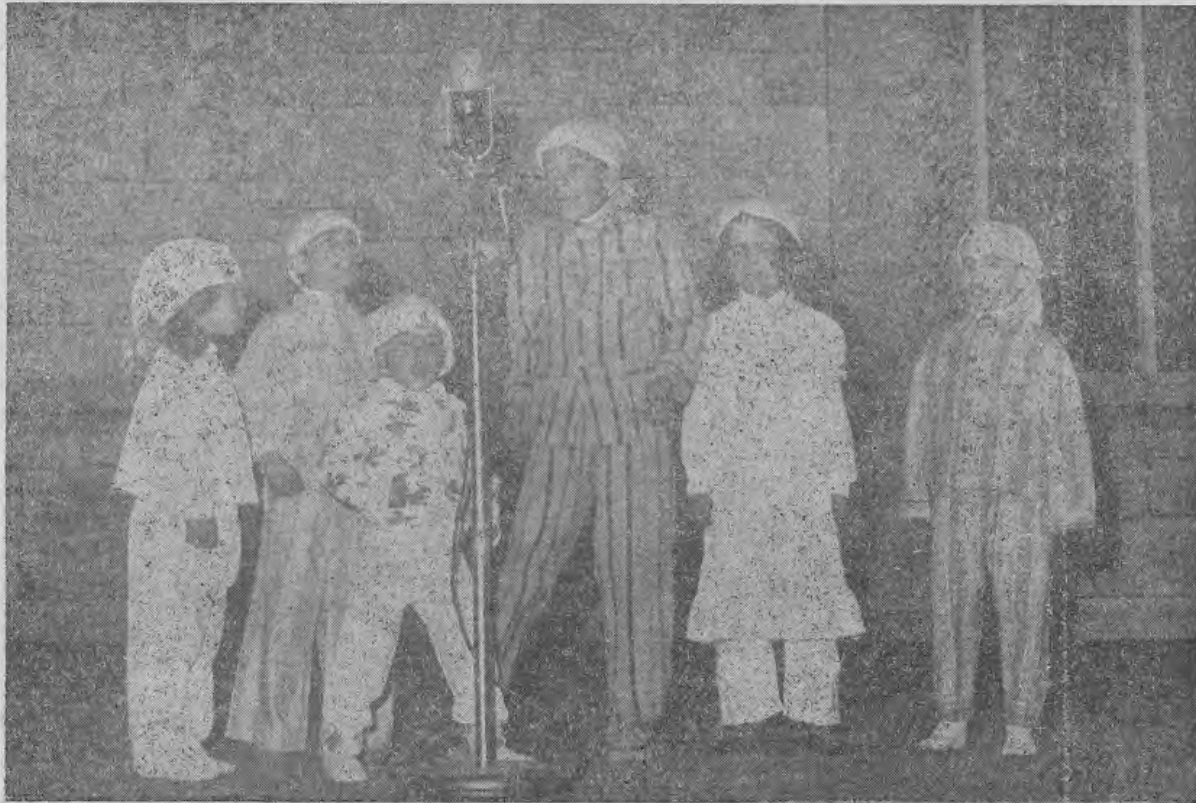


OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADEE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

JALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GAIATAS DA CASA DO GAIATO



UMA BELA IMAGEM DA ACTUAÇÃO DOS «BATATINHAS», O ANO PASSADO.



Creio que muitos males de que padecem os lares poderiam ser evitados se os pais se conduzissem de maneira diferente para com os filhos.

O afastamento constante do lar; o pouco interesse dos filhos pela vida do lar; há-os para quem o lar não é mais que uma pensão onde comem e dormem; não sentem o peso do fardo carregado pelos pais e deixam-nos caminhar sôzinhos; estes males têm sua origem, por vezes, na maneira como os pais se conduzem.

Se os filhos, desde pequenos, fossem chamados à colaboração activa na vida do lar, dentro dos limites da sua capacidade, fazendo as coisas como quem brinca — quantas que os filhos poderiam fazer e são os criados e criadas que fazem; há criados e criadas para tudo. Deste modo, a iniciativa dos filhos é atrofiada ou nem sequer germina; o egoísmo dos filhos é alimentado; o comodismo é lei que impera na vida dos filhos. Resultado: bonecos e bonecas que pululam pelas ruas a «matar» o tempo ou sentados nas cadeiras dos bares e cafés a gastar o que não lhes pertence, porque não é fruto do trabalho. A flor da generosidade, característica das almas nobres, nem sequer chega a desa-

brochar nos filhos, porque lhes faltou o ambiente favorável no lar.

Não será verdade que muitas raparigas chegam a mulherzinhas casadoiras sem saber o abe da dona de casa? Como poderão estas futuras mães ser boas educadoras?! E que preparação levam muitos rapazes para a vida do lar que virão um dia a constituir? A escola primeira tem que ser a escola de seus pais.

Em nossa Casa não há criados. Somos servos uns dos outros. Esta é a Escola. Não há senhores. Cada um serve no lugar que lhe pertence. O pai de família serve no lugar de pai; a mãe do mesmo modo e porque não os filhos? Desde o arranjar as camas à limpeza, à cozinha e aos trabalhos compatíveis com a idade e capacidade de cada um. Há os que têm as suas ocupações normais fora do lar; pois, nem esses estão isentos de colaborar na vida doméstica. Deste modo dão a sua quota parte à comunidade de que são membros.

Há dias, entreguei uma tarefa de certa responsabilidade a um dos pequenos, nestes termos: «confio em ti». Saiu-se maravilhosamente. Os filhos gostam de colaborar. Despertar neles o

Continua na SEGUNDA página

FESTAS

Na véspera da saída do último «Famoso» fomos ao Porto por mor das Festas e de assuntos da tipografia. No bulício das ruas encontramos velhos Amigos. E o assunto, como não podia deixar de ser, era a Festa no Coliseu.

— Este ano quando é?!... Ainda não vi nada no «Gaiato»!

— Estamos a trabalhar... É já no dia 7 de Março...

— Contem connosco!...

E mais e mais e mais. É o Porto. O Porto é assim. Acabada uma, aneia logo pela Festa do ano seguinte!

Nas outras terras, porém, há muita gente que suspira do mesmo modo. O Francisco José, na crónica de Miranda, diz algo de Coimbra — berço da Obra. Pois já no último número — e à última hora — indicámos que a malta de Miranda do Corvo estará, em peso, no «Avenida» de Coimbra, a 11 de Março. Do sul — Lisboa e Setúbal — ainda não sabemos datas em concreto. Mas não tarda a notícia! É que estamos às voltas com a preparação do itinerário do costume para a zona norte e, assim, tudo será coordenado sem atropelos. Já basta a desorganização organizada que as Festas geram em nossas Casas!...

A propósito da «tournée» pela zona norte, temos presenças confirmadas: 13 de Março, «Cine Teatro Famalicense», de V. N. Famalicão; a 15, «Cine Teatro S. Martinho», de Penafiel; em 19, «Cine Teatro de Santo Tirso»; em 22, «Teatro Jordão», de Guimarães; em 26, «Teatro Ribeiro Canceição», de Lamego; em 28, «Teatro Circo», de Braga; a 30, no «Teatro Garret», da Póvoa de Varzim. Para o mês de Abril contamos estar dia 1 no «Teatro S. Pedro», de Espinho. E aguardamos notícias das Empresas proprietárias das salas de Ovar, S. João da Madeira, Aveiro e Leiria.

CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA

O maior incentivo do nosso trabalho nestas terras de Moçambique, é a valorização humana daqueles que vulgarmente são tidos por inúteis e prejudiciais, dentre tantos incapazes que a sociedade tem. São insondáveis os recursos que Deus põe na alma de cada homem e o que falta quase sempre é uma oportunidade de se revelarem. Por nossa parte tudo empenhamos nesse sentido e cremos que se não faltarmos com nada do essencial à formação das crianças de hoje,

contribuiremos numa medida justa, para um dever que logicamente as deve colocar num mundo feliz e próspero.

A nossa Obra é um factor de progresso. Ainda vai em três meses que chegámos e neste período de preparação e adaptação já damos o pão a cinquenta famílias; e começando a construir a Aldeia, se os nossos Amigos nos compreenderem e Deus ajudar, muitas mais serão. Não nos é indiferente a sorte dos nossos vizinhos, e por eles, pela sua vida, temos

profundo interesse. Concluídas as habitações dos nossos casas, colaboradores, vamos construir-lhes um poço para água potável pois a que bebem nem animais lhe deviam tocar. Dada a dificuldade de comunicações do interior com a estrada, a todo o comprimento da nossa quinta vamos abrir uma picada com uma pequena ponte, se possível de alvenaria, sobre o Infulene. O Laboratório de Mecânica dos Solos pelos cuidados da sua Directora está a fazer o estudo das

fundações, depois de ter precedido a sondagens.

Outra necessidade urgente que pensamos satisfazer às crianças vizinhas, tão depressa iniciemos a Aldeia, é uma Escola. Há dias contemplava o trabalho agrícola que o nosso Américo executava com a Buldozer que a Steia nos emprestou, uma ajuda incalculável e oportuna, quando um homem se abeirou a perguntar se também íamos fazer Escolas:

Cont. na SEGUNDA pág.

LOURENÇO MARQUES

Aqui, LISBOA

É lugar comum afirmar-se que o grau de instrução e de educação de um povo define melhor do que qualquer outro o seu nível de vida. Se assim é temos de convir que não é muito lisonjeira a posição portuguesa. Por outro lado, olhando á aglomeração em volta dos grandes centros dos meios de difusão da cultura, embora a televisão e a rádio cheguem hoje a toda a parte, mais acuidade nos oferece o problema em causa. Quem tem meios ou vive nas cidades ou terras melhor dotadas pode considerar-se feliz, pois não basta ter o pão de cada dia, mas é preciso cada homem realizar-se integralmente, pelo acesso aos conhecimentos que valorizam a pessoa humana e que, sendo já em si riqueza, mais a engrandecem e contribuem para a sua felicidade individual e colectiva.

Queríamos hoje chamar á atenção para o problema gravíssimo do ensino primário, base essencialíssima de toda a actividade instrutiva e educativa. Todos sabemos da falta de professores e que, de ano para ano, a situação se agrava, tendo já obrigado ao encerramento de

muitas Escolas de Magistério e compelido ao triste recurso dos exames para regentes escolares que, salvo honrosas excepções, não podem, por deficiente formação, desempenhar cabalmente o seu munus em sector chave de toda a vida dum povo. Sem professores competentes e em número suficiente não será possível o progresso.

Temos pelo professorado primário, como o comum dos cidadãos, a mais profunda estima. Ninguém esquece os seus Professores Primários e fica sempre dentro de nós algo que não se desvanecer com o correr da idade, um misto de gratidão, respeito e saudade. Parece-nos, porém, que não basta uma nota sentimental e que reconhecida a sua importância, se deveria retribuir condignamente essa função vital, que condiciona todo o desenvolvimento duma nação. Fazer publicidade para chamar candidatos ao professorado, mostrando a nobreza da missão que ensinam os primeiros conhecimentos às crianças, teria a sua maior expressão no facultar de condições de vida, compatíveis com a decência e a grandeza do trabalho.

Doutro modo teremos edifícios mortos, sem alma, e um abandono sistemático por parte dos mestres primários, como facilmente se constata ao compulsar as estatísticas referentes ao período de 1962 a 1965, em que pediram a exoneração 3.089 daqueles modestos mas dedicados funcionários públicos. Quem se libertou do mundo naquilo que tem de aliciante para o comum dos homens, está perfeitamente à vontade para reconhecer que a situação da laboriosa classe do professorado primário carece de urgente revisão, pois para lá do aspecto de justiça põe em causa o desenvolvimento do bem de vida geral.

Retomando e repizando a ideia inicial: sem instrução base não poderá haver crescimento de nível de vida e, com isso, todos sofrerão, mormente os mais carecidos de meios. Por outro lado, a criação da 5.ª e da 6.ª classes só poderá começar a produzir os frutos previstos, tão desejáveis, se as quatro primeiras classes funcionarem em pleno. Se estas não dispuserem de pessoal docente competente e em número suficiente, repetimos, nada se conseguirá de positivo e o atraso persistirá. Não basta criar lugares, é preciso provê-los e nós sabemos que há inúmeras escolas sem mestres, enquanto, paradoxalmente, há centenas de professores sem lugares, como ainda vimos há pouco tempo. Queira Deus que o terceiro Plano de Fomento ajude a resolver as dificuldades, porque sem o real fomento da instrução em todos os planos, mas em particular no que estamos falando, só o desequilíbrio e o fracasso resultarão.

Há ainda um sector vastíssimo que urge preparar e educar. Trata-se do que inclui uma legião de crianças atrasadas mentais recuperáveis, e para o qual pouco ou nada há no País de instrumento de valorização. Esperemos que as medidas anunciadas se concretizem e que possamos contar com a integração na vida futura, na oficina ou em trabalhos adequados, de todos aqueles que, até á data, eram considerados pesos mortos ou nocivos. A época dos foguetões e dos satélites, mais do que nenhuma outra, em nada se coaduna com o desperdício de valores, quanto mais de Valores Humanos.

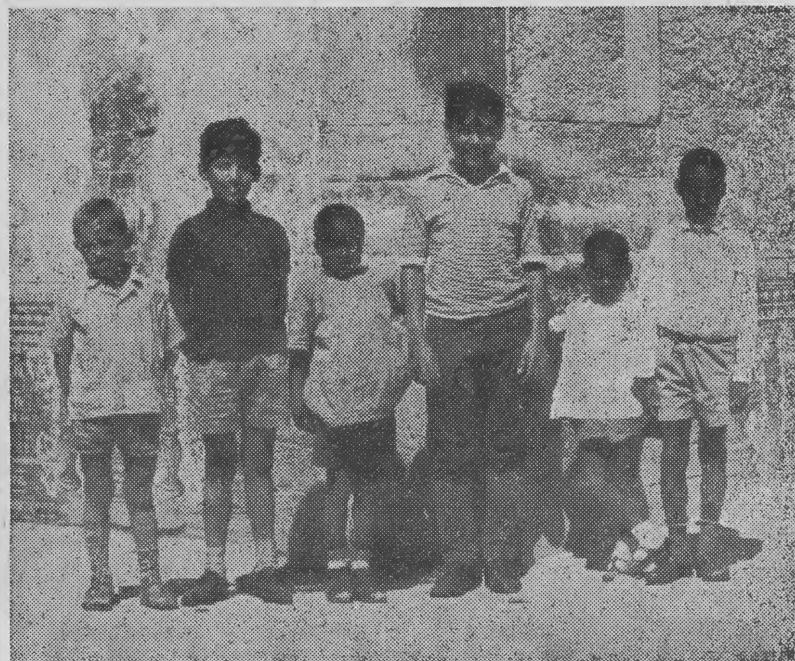
Como complemento destas notas não queremos deixar de, construtivamente, apelar para quem de direito, relativamente á sobrecarga de trabalho a que estão sujeitos inúmeros professores, com 40 e mais alunos, às vezes das quatro classes. E será possível algum aproveitamento? Também não queremos deixar de

Visado pela Comissão de Censura

fazer eco daquilo que os jornais noticiaram, lá para o Norte, em Janeiro, de professores com os ordenados em atraso desde Novembro, e que nós tristemente, tivemos a dita de conhecer com equivalente no Sul, com comentários amargos mas justos. Quem dá o seu esforço merece que, a tempo e horas, se lhes dê a paga que há-de servir ao seu sustento. Finalmente, um terceiro reparo, relativo aos agentes de ensino que apenas ganham durante o ano lectivo, situação tremendamente injusta para quem trabalha e que também come nas férias.

Sem pretensões, sobretudo ao serviço dos Humildes e dos Pobres, aqui deixamos este arrazoado, que contém alguns requerimentos, a bem da Nação. Servir é o nosso lema.

Padre Luís



AQUI: AÇORES, GUINÉ, MACAU, ANGOLA E MOÇAMBIQUE, NA FAMÍLIA DO TOJAL.

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA pág.

«Os nossos filhos não sabem ler. Não há outra escola aqui perto senão a da Missão», que dali dista mais de três quilómetros. E para além é um Regulamento enorme, com centenas de Famílias. Faz-nos profunda tristeza apalpar tão de perto o atraso destas zonas relativamente pouco afastadas da cidade, onde só as Missões com os seus professores indígenas têm sido o único meio de penetração da Fé e da civilização.

Uma notícia reveladora. A venda do Gaiato na cidade tem sido ultimamente o único meio de contacto convosco. Por ela podemos avaliar o quanto nos têm aceitado. Começámos com 1.200 jornais e estamos nos 2.300, contando atingir depressa os 2.500. Pela venda, quinzenalmente, chegamos às nossas mãos, cerca de seis mil escudos. É uma ajuda preciosa.

síssima mas da qual não sobra nada para as construções em curso e muito menos para a Aldeia que esperamos iniciar em Maio. Várias pessoas têm perguntado se abrimos subscrições para cotizações mensais. Não é o nosso sistema, mas vamos receber, se necessário, a casa de quem nos avisar por qualquer forma de correio ou pelo nosso telefone 7119. Para maior comodidade, também temos conta no B. C. C. I. em nome de Casa do Gaiato.

E finalmente uma notícia que veio pôr em alvoroço a nossa Casa, e como aconteceu ao Quim Carpinteiro, não deixou sem fala. Um senhor de L. Marques, a quem Deus conserve na prosperidade e bom nome a sua Casa, mandou pôr-nos aqui um tractor. É novo em folha e dos mais potentes. Aquele que pode tudo, o abençoê.

Padre José Maria

AREIAS DO CAVACO

Cont. da PRIMEIRA página

amor ao trabalho, á solidariedade, é tarefa que compete aos pais. A primeira escola destas virtudes é o lar.

x x x

O sarilho de que vos falei em um dos últimos jornais, por causa dos instrumentos para o conjunto musical, ainda não está sanado. Fui á Joframa, em Benguela. Encontrei compreensão. Deram-nos a mão e aceitei. Mais uma ferida aberta. Havemos de sangrar até ao fim por amor dos rapazes.

Há dias, no fim do jantar, dei um salto á Casa Mãe. Onde há-de funcionar a rouparia, fui dar com uma sala de música. Vi um grupo deles a ensaiar muito a sério. Observei tudo, sem darem pela minha presença. Tirei conclusões para mim mesmo. E, muito baixinho, bendisse a hora em que caí, abrindo mais uma ferida, com a compra dos instrumentos.

Para ficar mais tranquilo quis confirmar aquilo em que já tinha acreditado e arrisquei a pergunta: podemos dizer aos amigos que temos música e músicos nossos nas próximas Festas?

— Sim, mas ainda nos falta um órgão e... Vale a pena sangrar por amor destes filhos.

x x x

Registamos a presença de três amigas dedicadas com 120\$00. Mais um caixote de fruta verde, do Luso. A «Avó de Moscovide», Lisboa, veio com 500\$. E mais esta lembrança de um casal amigo: «Juntamos 150\$, uma pequenina oferta que leva todo o nosso carinho. Rezem pelos nossos 2 filhos». Creio que se todos os pais pensassem nos seus filhos, como este casal, dar-se-iam mais aos outros que os não têm. Da Catumbela, 150+300. Consolamos a atitude daquela boa amiga que entre suas colegas de trabalho, numa firma do Lobito, lançou a campanha de cotas mensais; somaram já 230\$. E esta

presença, discreta, mas eficaz: um casal, no 10.º aniversário de sua firma, vem compartilhar conosco o bem que Deus lhe deu durante os 10 anos e deposita em nossas mãos 10.000\$. Bem hajam.

Padre Manuel António

Festas

Cont. da PRIMEIRA página

Quanto a ensaios, a coisa cá por cima está a carburar. Mas surgiu, agora, um imprevisto — a gripe! Estão de cama alguns dos «artistas». Mas Zé Ferreira não desanima. E vai desenrascando o papel com os seus. Pois não há tempo de perder tempo.

Costava de dizer algo sobre os ensaios. Todavia, as portas do salão estão fechadas aos representantes da imprensa...! É costume. E há que encarar este velho princípio dos senhores directores artísticos com um sorriso nos lábios.

Júlio Mendes



★ BELEM ★

Hoje é Domingo. Um domingo de Belém, que nunca traz descanso, mas mudança de actividades, tantas vezes imprevisíveis.

Fui à Missa, a Vildemoinhos com as mais velhas, enquanto as outras ficaram a guardar a casa.

No regresso, já o Senhor João me esperava, para lhe abrir a porta da adega. Ele é que cuida do vasilhame mas, como é operário, raras vezes à semana consegue tempo para estes afazeres.

Com isto, já me ia esquecendo de que o grupo das mais pequenas esperava ordem de marcha. Umas guedelhas que precisavam pente, um casaco a pedir escova, uma meia que está rota, aqueles sapatos sem atacadores...

E pronto, lá seguem para a Missa das 11, na cidade, entregues a elas próprias. Que remédio!...

Mas eis que chega um carro e descem uns cavalheiros com uma carta de recomendação na mão.

De que se trata? Dum emigrante, a pedir lugar para um rancho de filhos, aqui e nalguma Casa do Gaiato. Pedidos de lugares para filhos de emigrantes e pedidos de meninas para servir, são quase de todos os dias.

Com toda a verdade posso dizer que, de Viseu e arredores, os que vêm no intuito de conhecer as dificuldades e fins da Obra, para ajudar, constituem excepção.

É quase meio dia mas, mal se foi o carro, surge uma moto. É o mecânico que vem desmontar a bomba do poço grande, avariada há quase um mês

e não sei por quanto mais tempo, dada a grande falta de artistas, motivada pela emigração. Onde iremos parar?

Juntando a isto a sequeira que tem sido, com os tanques sem pinga de água, têm sido complicações sem conta, relativas ao cuidado dos animais domésticos, à lavagem de roupas da Casa, etc., etc.

Como já passava do meio dia, vim a casa buscar alguma coisa que os dois homens comessem e bebessem.

As pequenas já iam a meio do almoço... O que vale é que para comer, nunca esperam por ninguém. Quanto a mim, só por volta das 14 pude almoçar (Em Belém há poucas cadeiras)...

Entretanto, chegou um grupo de meninas do Colégio da Imaculada Conceição, com uma Madre.

Vinham passar a tarde com as Belenitas. Uma linda tarde de sol ao ar livre e tépido da nossa mata.

Eu continuei no mesmo ritmo de actividades, até à noite, sem conseguir uns momentos livres, que pudesse dedicar às Belenitas. Acontece muitas vezes assim e continuará a acontecer, enquanto estiver sôzinha.

Dedico estas breves linhas a três Senhoras, que me escreveram a pedir que falasse da Obra.

Aos Benfeitores que não nos têm esquecido, apesar do nosso silêncio, um reconhecimento obrigado e a informação de que ainda nos faltam 35 contos para liquidação da dívida.

Inês — Belém — Viseu

PATRIMONIO DOS POBRES

Embora não se mostrem em grandes labaredas o fogo vai alastrando e vai consumindo corações e almas que se deixam penetrar por ele. Aqui e ali, alguém e além, em terras de progresso e também nalgumas a ficar abandonadas o Património dos Pobres vai levando vida, amor, paz e alegria.

O Menino Jesus trouxe-me duas prendas muito consoladoras: casas para as duas famílias que me traziam em dor. A primeira para um casal muito doente, sem poder trabalhar, com quatro filhinhos. Todos muito dedicados e com sentimentos de gratidão.

Uma família mirrada, a gritar por socorro. Que felizes nos sentimos todos na primeira tarde em que aquela família ocupou a sua casinha no bairro do Património dos Pobres! As Criaditas, que são ali Anjos da Guarda, prepararam-lhe o jantar.

A segunda casa foi para a família de pais doentes, com oito filhos (o mais velho de sete anos) que habitava uma miserável barraca feita de terra batida e caixotes de sardinha, situada sôzinha numa encosta de oliveiras. Poucas vezes tenho visto tanta miséria. O pai foi agora internado num sanatório e a mãe vai todos os dias ao tratamento.

A casa para esta família foi-me dada pelo telefone. Um casal de Coimbra teve conhecimento da situação e, na mesma hora, pôs à disposição uma casa que tinha para alugar. Tudo simples. Nada de compromissos. Bastou o amor. Estas situações só podem ser resolvidas pelo Amor de Deus aos Irmãos.

Na semana passada o Senhor mandou-me mais alegrias pelo correio. Uma carta da Federação dos Grêmios da Beira Litoral — «Pensa esta Federação na possibilidade de contribuir para a construção de casas nos locais onde incidiram as inundações de Novembro último. Esta Federação está interessada em ajudar irmãos a remediar aflições em que caíram, mas através de uma realização que dure e perdure e, por isso, nos lembramos que a construção de casas por intermédio do Património dos Pobres atingiria a finalidade que desejamos».

Da Covilhã o secretário do Património mandou-nos dizer: — «a comissão do Património dos Pobres da Covilhã continua com a construção de moradias para Pobres. A obra continua, estando certos de que a Divina Providência nos ajudará a resolver todos os assuntos».

Outra carta do Pároco de Alcobaca vem dizer que ao lado das já existentes há terrenos para mais casas e vão continuar.

Do colégio da Marinha Grande alguém escreve — «quando o Colégio tinha poucos anos de existência recebeu a vinda de Pai Américo».

Ele falou, cativou, despertou sentimentos àqueles alunos que naquela altura eram o Colégio e dessas palavras surgiu a ideia da construção da primeira casa dos Pobres.

Hoje, passados tantos anos, o mesmo Colégio, com outros alu-

nos, sentiu o mesmo desejo de cumprir o apelo do Padre Américo, construindo mais uma casa para os Pobres».

Foi semente lançada a terra boa que deu e continua a dar bom fruto.

Mais uma carta do Porto — «na povoação de..., concelho de Proença-a-Nova, habita um casal com cinco filhos pequenos».

Com o esforço que ultrapassa as possibilidades humanas ergueu as paredes de uma casa e ali se instalou. A casa não oferece o mínimo de condições que a dignidade humana pode exigir para habitação de filhos de Deus.

Não será possível o Património dos Pobres socorrer mais este naufrago?

Acudamos-lhe depressa que amanhã poderá ser tarde!

Por fim, chega novo recado de Coimbra — «Sou aquela viúva que tem dois meninos gémeos, a quem o senhor padre prometeu uma casa, logo que houvesse uma vaga».

Venho por este meio lembrar-lhe que ainda me encontro à espera do seu prometimento, pois além de não ter ninguém que me auxilie no mantimento dos meus meninos, sou uma pessoa doente e por isso não posso trabalhar».

Não são todos estes testemunhos labaredas de fogo a queimar-nos de amor?

Padre Horácio

Lar Operário em Lamego

Há muito tempo que não damos notícias. Isto traz-nos prejuízos de várias espécies. Aquele que não aparece, diz a nossa gente que se perde da lembrança, e não podemos ser

amados, se formos desconhecidos.

Estas obras não podem ir por diante se lhes falta o amor; amor de quem as serve e o amor dos que desejam cooperar, ficando todos unidos pelo mesmo programa: pensar nos outros e fazer por eles o que for possível.

A execução deste programa exige sacrifício, desprendimento, generosidade, entrega do que dizemos ser nosso e de nós próprios. Seria menos exacto afirmar que não existe quem se apaixone por este ideal. O que importa é torná-lo

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Continua na QUARTA página

Se examinarmos bem a sociedade, veremos que existe a família, a grande organização e as pequenas comunidades humanas. Três dados, três realidades na vida do homem. Foi assim e parece que continua a ser assim. Antes de mais a família, que é célula da mesma sociedade, a família alicerce do edifício social. Pecar contra a família será sempre, em certo modo, pecar gravemente. Que há tão importante na organização humana como a família? Qualquer actividade do homem irá ter efeitos na vida familiar e deverá haver uma grande atenção, um grande cuidado para que essa mesma vida familiar não venha a ser prejudicada, nem directamente, nem indirectamente. Defender a família é o grande caminho de defender o homem. Mas à medida que o mundo avança, vê-se que a família, muito embora absolutamente necessária, já não corresponde, só por si, ao novo condicionamento humano. Era um meio poderoso, sim, mas não eficaz. Daí a chamada organização social. Assim apare-



ceu uma diversidade imensa de instituições sociais; assim nasceram, no nosso tempo, as grandes organizações industriais e comerciais. A grande organização parece dominar a vida de hoje. Os homens, nesse ambiente, perdem bastante a sua personalidade e perder a personalidade será perder a capacidade de idealizar e de realizar. Os sociólogos encontrarão maneira de fugir a estes inconvenientes, pelo menos em parte. Algumas das personalidades mais responsáveis estão a voltar-se para as pequenas comunidades humanas, como meios ideais de resolver muitos problemas. Para além da família e aquém das gigantescas organizações, ao lado da família e ao lado dessas sociedades, que quase são estados

dentro do Estado, promover, fundar e vitalizar pequenas comunidades humanas em que se vejam bem a responsabilidade deste e daquele, ou que haja possibilidades de iniciativa de uns, tantos, em que seja fácil verificar o merecimento de mais este ou a culpabilidade daqueloutro. Auto-Construção poderá formar alguns grupos desses. Esses grupos terão elementos suficientes para serem eficazes e não serão tantos que sejam irresponsáveis. Criar um condicionalismo de responsabilidade e ao mesmo tempo de iniciativa. Auto-Construção será uma dessas comunidades em que uns darão conta do que fazem, os outros em que todos se conhecem bem, em que todos se encontram e em que todos, fa-



PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Foi há dias, já noite escura. Ba-
teram à porta. Era uma mulher idosa,
de aspecto rude; blusa e saia preta,
chale na cabeça, pra se defender do
frio.

Entrou em casa meia envergonhada.
E quase não podia abrir a boca!

— Que tem santinha?!...

Não respondeu. Insistimos, delica-
damente, e desabafou:

— Sou viúva, sabe? Tenho uma fi-
lha... Mas o que a gente ganha não
chega pra renda da casa...

E falou, falou, falou. Explicou até
porque veio, de noite, até nós:

— Tenho vergonha que o povo sai-

ba das minhas necessidades... Basta
que me ajudem a pagar ao senho-
rio...

Não lhe disse logo que sim, pois
estamos, agora, com muitas dificul-
dades. Mas encararíamos o problema
de frente.

Assim foi. E já demos a boa nova.
Mudou de cara a pobre mulher! Não
chora. E vive mais aliviada.

É mais uma renda de nossa conta!
Possamos ter sempre quê pra não
faltar. Não queremos duvidar! É um
desabafo d'alma. Pois a freguesia
sendo tamanha — a maior do conce-
lho — ainda não corresponde como
devia... Mas a gente não desanima.
Temos mas é de andar pra frente!

x x x

O QUE RECEBEMOS — Pouco-
quinho! Mas vem sempre alguma coi-
sa. Demos graças a Deus pela extraor-

dinária perseverança dos nossos lei-
tores!

Da Rua D. Estefânia — Lisboa,
200\$00. Os habituais 40\$00 da assi-
nante 17022. E 10\$00 de Belas.

Júlio Mendes

x

SETÚBAL

Para manter o ritmo desta Casa
estar sempre presente nestas colunas,
aqui estamos de novo a dar-vos noti-
cias.

OBRAS — O nosso Lar está em
acabamento. Por fora já está todo re-
bocado e vamos começar por dentro. A
instalação de água quente e fria está
a ser montada. Custa para cima dos
50.000\$00! Portanto, não te esqueças
querido amigo. Contamos com a tua
ajuda.

OFICINAS — Mantém-se em an-
damento razoável. Tipografia e Car-
pintaria já montadas despacham tra-
balho em série. Mas falta a Serra-
lharia. Essa é que nem sequer má-
quinas tem. Não te esqueças, se tive-
res por aí algum material que não
te faça falta... A nossa direcção é:
Casa do Gaiato — Setúbal.

Passando pela vacaria deparei com
3 lindos bezerros nascidos nestes úl-
timos dias. Que bonitos! De igual mo-
do, no curral dos porcos, o «Russito»,
que trata deles, delirava de alegria ao
ver nascer mais 6 porquinhos que
vêm aumentar mais o número de por-
cos que temos, que já não são poucos.
Agora a notícia mais triste. Morreram-
nos as galinhas todas, com uma doen-
ça nos olhos. Eram cerca de 300! Pa-
ciência; e tudo isto é a Casa do Gai-
ato.

SERVIÇO MILITAR — Depois do
Crisanto, foi a vez do Picanso ir de-
fender a Pátria na nossa Província
de Angola. Aqui ficam expressos os
nossos votos para que seja valente
e que Deus te traga são e salvo à
nossa Casa, que também é tua.

Vamos terminar esta crónica e com
amizade nos despedimos até à pró-
xima.

Laurindo Ferreira Lopes

x

MIRANDA DO CORVO

Com a falta de chuva que se tem
notado, os nossos campos tomaram um
aspecto um pouco desolador, pois as
couves e demais ervas começaram a
secar. Devido a isto, os nossos bois,
que são oito, os suínos e mesmo os
patos, coelhos e galinhas têm passado
um mau bocado. Estas últimas come-
çaram até a pôr menos ovos!

Mas graças a Deus a chuva veio.
E com esta veio novamente a tranqui-
lidade, pois os campos mudaram o
seu aspecto, com mais abundância de
verduras, e os animais um pouco mais
contentes com os seus tratadores.

Chegou também a altura da poda
das árvores de fruto, das videiras e
das oliveiras. Já começamos. Este tra-
balho em nossa Casa tem ainda de
ser feito por homens de fora, pois
presentemente não temos rapazes que
o saibam fazer.

A nossa oficina de carpintaria está
a atravessar uma crise de trabalho.
Eles começam novamente a andar
cabisbaixos, pois não acham graça
nenhuma em estar ali metidos na
oficina durante as horas de trabalho,
sem terem trabalho para fazer, e ape-
nas fazendo qualquer coisa, para pas-
sar o tempo.

Eles já fazem tanta coisa! São
portas, janelas, caixilhos, bancos, car-
teiras escolares, mesas, armários, car-
ros de bois, etc.

Porque não se lhes dá trabalho?
Mais uma vez pego aos leitores ami-

gos, que se lembrem deles, porque
também se hão-de lembrar de vós.

Está-se a aproximar cada vez mais
o tempo das nossas Festas.

No Avenida de Coimbra é já em
11 de Março, e nós já começamos a
preparar-nos, pois todos gostamos de
participar nas Festas, fazendo qual-
quer número.

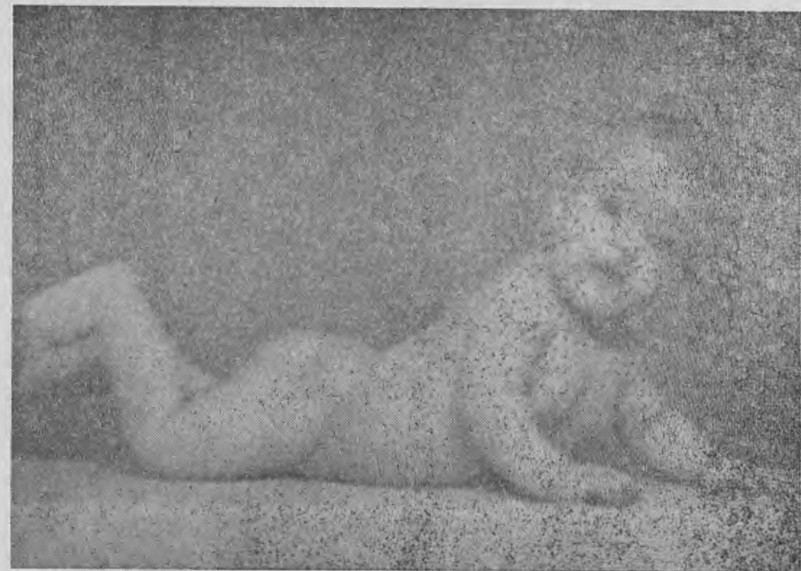
Assim, o grupo dos mais pequeninos

não falam senão na Festa. Todos que-
rem ir representar.

Com o grupo dos médios e mais-
res, o panorama é quase idêntico,
pois o assunto predominante são as
Festas.

Agora só nos resta preparar-nos bem
e esperar que vos agrademos e que
ninguém falte à nossa Festa.

Francisco José



PAULO JORGE, FILHO DO CÂNDIDO PEREIRA.

Lar Operário em Lamego

Cont. da TERCEIRA página

conhecido. É necessário mos-
trar o retrato de Cristo na pes-
soa dos nossos irmãos. Dificil-
mente se encontram corações
que não se compadeçam diante
das feridas que vêm. E não fal-
tam palavras de conforto e
atitudes de carinho e exem-
plos de bons samaritanos.

De tudo isto, somos teste-
munhas na semana a seguir à
publicação de «O Gaiato» com
notícias do Lar de S. Domín-
gos! E apreciamos e agradece-
mos as cartas que nos enviam a
dizer que não paremos; a te-
cer hinos de compaixão pela
juventude pobre e abandonada;
a fazer propósitos de esta-
rem connosco. Sem dúvida que
a nossa actividade se firma
nas promessas do Evangelho,
mas caminhamos sobre a terra
e precisamos de toda a cola-
boração dos homens.

Se algumas vezes esta coo-
peração nos falta, a culpa é
nossa porque nada dizemos
das necessidades que nos afligem.

Hoje queremos informar de
que estamos a preparar duas
pequenas oficinas. No decor-
rer destes dois anos reconhe-
cemos que eram indispensáveis,
para aproveitamento dos ra-
pazes. Eles trabalham espalha-
dos pelas que existem na ci-
dade, mas nos primeiros dias
em que chegam, quando algum
patrão adoece, ou quando não
há trabalho, onde os havemos
de ocupar?

Foi preciso arranjar um lo-
cal e proceder à respectiva
adaptação. Parecia que as des-
pesas eram pequenas, mas as
portas custaram 1.492\$; para
a areia foram 240\$, mais para
cimento 490\$ e mais 385\$00
para telhas de vidro e mais
270\$50 de ferragens e mais
152\$60 para tintas. Os vidros
custaram 244\$40 e os artistas
receberam cerca de 900\$. Em
seguida tivemos de comprar
algumas ferramentas que nos
custaram 4.500\$00. Para estas
despesas estávamos esperança-
dos no último Natal, mas foi
muito fraco... Agora ficamos
à espera que nos vejam esten-
didos na estrada e venham em
nosso auxílio.

Precisamos ainda dum pe-
queno tear manual, onde os ra-
pazes, nas horas livres, pudes-
sem trabalhar. Nós aqui vamos
por ele a qualquer lugar. Já
temos um que fomos buscar a
Ordins. O espaço que ocupa
não vai além dum metro qua-
drado e veio no tejadilho do
automóvel.

Terminamos estas notícias
agradecendo a todos os que
nos compraram alguns traba-
lhos por ocasião do Natal. A
maior parte eram prendas ofe-
recidas ao Lar de S. Domín-
gos, que fica na R. do Teatro,
16 — Lamego. Tudo são aja-
das para quem vive o espírito
de pobreza.

Padre Duarte

FESTAS

EM MARÇO

DIA 7
às 21,30 h.

COLISEU DO PORTO

Bilhetes à venda — dias úteis; Es-
pelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54;
todos os dias: bilheteiras do Coliseu
de Porto.

DIA 11
às 21,30 h.

Teatro Avenida—Coimbra

Bilhetes à venda: Lar do Gaiato, tel.
24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia;
e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

DIA 13
às 21,30 h.

Cine Teatro Famalicense V. N. Famalicão

DIA 15
às 21,30 h.

Cine Teatro S. Martinho Penafiel

DIA 19
às 21,30 h.

Cine Teatro de Santo Tirso

DIA 22
às 21,30 h.

Teatro Jordão—Guimarães

DIA 26
às 21,30 h.

Teatro Ribeiro Conceição Lamego

DIA 28
às 21,30 h.

Teatro Circo—Braga

DIA 30
às 21,30 h.

Teatro Garret—Póvoa de Varzim

EM ABRIL

DIA 1
às 21,30 h.

Teatro S. Pedro—Espinho

Os bilhetes para as Festas são
postos à venda nas bilheteiras de
cada uma das salas indicadas.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE